

A GRAVURA NA BAHIA*

Juarez M. Tito Martins Paraíso

A gravura, com todas as suas técnicas, tem sido utilizada na Bahia desde o surgimento da Arte Moderna, na década de 40. A Escola de Belas Artes teve a hegemonia de sua produção desde a década de 50 até 1980. O período mais dinâmico foi a década de 60, quando os artistas baianos deram uma feição especial a xilogravura.

A gravura moderna já não condiciona a sua estética aos moldes da pintura, como em épocas passadas e, a partir de artistas como Paul Gauguin e os expressionistas alemães, a gravura ganha corpo próprio, autonomia e personalidade estética.

Na Bahia, a gravura tem sido utilizada desde a implantação da arte moderna, na década de 40, através de Mário Cravo Júnior realizando litogravuras e gravuras em metal. Têm sido praticadas todas as técnicas da gravura, destacando-se Lenio Braga, com litogravuras, Yêdamaria, com gravura em metal, José Maria, com xilogravura e Renato da Silveira com Serigrafias.

A hegemonia da produção de gravura foi exclusiva da Escola de Belas Artes, pelo menos da década de 50 até o advento das Oficinas de Arte em Série, criadas em 1980 por Francisco Liberato em convênio com a FUNARTE e dirigidas por Juarez Paraíso até 1988. As Oficinas de Arte em Série do Museu de Arte Moderna da Bahia, hoje Oficinas de Expressão Plástica, durante os seus primeiros oito anos dedicaram-se a todas as modalidades de gravura, e para que não houvesse dispersões tinham a mais apenas o ensino da cerâmica e da escultura em madeira. Os cursos eram gratuitos e lá foram formados dezenas de novos gravadores. Outro centro importante de produção de gravuras foi o Instituto Cultural Brasil Alemanha, ICBA, sob a direção de Roland Shafnner, quando, inclusive, se criou a COOPERARTE, com galeria própria e uma oficina de Serigrafia

dirigida pelo artista Renato da Silveira. A Bazarte, no Politeama de Cima do Sr. José Castro, também contribuiu para o estímulo da produção de gravuras, tendo publicado 4 álbuns, de autoria de gravadores baianos .

Do ponto de vista da circulação, de 1965 a 1968, foi bastante expressiva a presença da Galeria Convivium, concebida para a vanguarda, com importantes exposições, como A Gravura na Bahia (1965) e a Primeira Feira de Gravura da Bahia (1966). Foi realizado um filme de 35 milímetros, de 30 minutos sobre os gravadores da década de 60 e um áudio visual (1976) sobre a gravura na Bahia, para uma projeção itinerante nos bairros de Salvador, através do Circuito Municipal de Espetáculos e Atividades Culturais. Foram realizadas várias retrospectivas, destacando-se a do Museu de Arte Moderna da Bahia (1977), promovida pela Prefeitura da Cidade do Salvador.

Com relação ao consumo, infelizmente, ainda existe um forte preconceito contra o múltiplo e a obra de arte feita sobre papel. O mercado de gravura em Salvador é bastante fraco, sendo louvável o trabalho desenvolvido pelo gravador Antonello L'Abbate com o Clube de Gravura da Bahia.

A gravura oferece várias vantagens em relação a outras técnicas das artes plásticas. É de custo reduzido e pode ser reproduzida, podendo por isto pertencer a várias pessoas e por preços acessíveis. É uma técnica geradora de múltiplos. A xilogravura, em especial, tem a vantagem de ser uma técnica muito simples, não obstante o seu envolvimento e um exemplo significativo são as gravuras das capas dos livros de cordel.

O período mais dinâmico e produtivo na história da gravura baiana deu-se, até os dias atuais, na década de 60, principalmente motivado pelo desejo dos artistas de praticar novos meios de expressão, pela efervescência criativa reinante, pela criação da oficina de gravura por Mendonça Filho, pela existência dos cursos livres e do curso oficial de gravura, pela presença de mestres como Mario Cravo Júnior, Hansen e Henrique Oswald e, naturalmente, pela concentração de tantos artistas emergentes, talentosos e predispostos às técnicas da gravura.

Das técnicas da gravura, a xilogravura foi a mais empregada pelos gravadores da década de 60, artistas pertencentes à segunda geração de artistas modernos da Bahia, principalmente por solicitar novas soluções criativas para a forma e o espaço concebidos e por ser uma técnica não adequada aos efeitos da Arte acadêmico-realista, ainda residual na EBA, tão afeita ao modelado do ensino acadêmico da pintura a óleo e aos efeitos do desenho realizado com a

técnica de “fusain”.

Ressalte-se que a xilogravura é a mais antiga técnica de reprodução dos diversos aspectos da vida humana e das formas da natureza, muitas vezes com extraordinária precisão e sensibilidade. O seu uso já é encontrado na China, há milhares de anos antes de Cristo. Por ser possível a sua utilização com os tipos móveis de madeira, substituiu as iluminuras medievais e teve um grande desenvolvimento no Renascimento.

Os artistas baianos da década de 60 deram uma feição especial à xilogravura, graças ao emprego do compensado e ao uso inadequado da prensa de água-forte. O uso do compensado como suporte tem sido bastante significativo, devido à sua plasticidade, a fácil manipulação de suas diversas camadas e à extraordinária composição de suas texturas, ao contrário da madeira de topo que, graças à rigidez de sua superfície e precisão do corte, foi amplamente utilizada pela gravura documental e de reprodução. Não mais restrito às pequenas áreas da madeira de topo, com o compensado o artista passou a realizar xilos com os mais diversos tamanhos, favorecendo à espontaneidade de execução e à liberdade de concepção.

O outro fator importante foi, sem dúvida, o emprego da prensa de gravura em metal pertencente ao Museu do Estado da Bahia, emprestada à Escola de Belas Artes pelo jornalista e crítico de arte José Valadares. O uso de uma prensa inadequada caracterizou de modo especial o tipo de xilogravura realizada pelos gravadores da década de 60, na oficina de gravura da Escola de Belas Artes da rua 28 de setembro, rua do Tijolo, para onde convergiam todos os artistas gravadores, por falta de outra prensa existente em Salvador.

Na Bahia, o primeiro curso de Gravura foi dado por Poty Lazzarotto, em 1950, no Museu do Estado, por iniciativa do seu Diretor José Valadares e através da Secretaria de Educação. Já na Escola de Belas Artes, o primeiro curso de gravura foi dado por Mario Cravo Júnior, em 1953, um curso de água-forte e água-tinta, frequentado por Calazans Neto, Juarez Paraíso, Raimundo Aguiar, Newton Silva, e Jaime Hora. Foi também bastante importante a vinda para a Bahia de artistas como Goeldi, Marina Caran e Marcelo Grassman, trabalhando e expondo, durante a década de 50, ressaltando-se a vinda de Hansen Bahia que, já em 1957, publicou o seu álbum xilográfico *Flor de São Miguel*, com a forte temática da vida das prostitutas.

Como já foi dito, com Mario Cravo Júnior teve início o movimento de gravura na Bahia, com o seu trabalho e com o curso que deu na EBA da rua 28

de setembro. Mario Cravo domina todas as técnicas da gravura e o seu vanguardismo teve fortes aliados com a vinda para a Bahia de Henrique Oswald, em 1959, e do alemão Karl Heins Hansen, em 1955, mais precisamente para o ensino da gravura nas oficinas da EBA.

Karl Heins Hansen, depois chamado de Hansen Bahia, devido ao seu amor e dedicação à Bahia, foi um dos mais lídimos representantes do expressionismo alemão entre nós, com uma gravura de fortes contrastes texturais e distorções espontâneas e expressivas. Na Bahia é o primeiro artista a dedicar-se inteiramente à gravura em madeira. Realizou milhares de xilogravuras e uma vasta série de álbuns e livros de arte. Por duas vezes foi professor da EBA, 1963 e início da década de 70, tendo vivido o resto da sua vida na cidade de Cachoeira, para a qual deixou como herança toda a sua obra. Sem dúvida, um legado de valor inestimável.

Mas é com Henrique Oswald que se registrou uma maior influência. Ele foi um mestre da xilogravura, da água-forte e da água-tinta. Os seus primeiros discípulos na Escola de Belas Artes da Bahia datam de fins dos anos 50 e começo de 60: José Maria, Hélio Oliveira, Sônia Castro, Leonardo Alencar e Juarez Paraíso, surgindo em seguida Emanuel Araújo, Edison da Luz, Gley Melo e Edízio Coelho. É quando ganha impulso definitivo a prática da gravura na Bahia. Já em 1959 José Maria está expondo suas naturezas mortas na V Bienal de São Paulo. Neste mesmo ano Juarez Paraíso expõe suas primeiras xilogravuras no VII Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Sônia Castro expõe sua primeira água-forte no V Festival Universitário de Arte de Belo Horizonte, sendo premiada.

Independente do estilo pessoal de cada artista, devido ao emprego do mesmo material e da mesma prensa, como já foi referido, todos os xilógrafos da década de 60 possuem como característica uma gravura de alto contraste e de grande riqueza textural, como é bem evidente nos trabalhos de José Maria, Hélio Oliveira ou de Gilberto Oliveira. A impressão é de matéria esmagada, revelada pela alta pressão da prensa de metal.

Calasans Neto foi quem introduziu o emprego do compensado na gravura baiana. Nas suas primeiras xilogravuras, Calasans Neto utiliza uma trama abstrata de texturas que desperta a imaginação do perceptor para intrigantes paisagens figurativas. As cabras, as velas e as baleias são as fases figurativas mais importantes do artista.

José Maria é um artista tipicamente expressionista e o mais instintivo

dessa geração de gravadores baianos. No seus trabalhos predominam o emocional e o sentimento. As deformações e os fortes contrastes das figuras são realizadas com muita força criativa e espontaneidade. As suas figuras são tristes e sombrias. José Maria nos comunica o sofrimento das classes menos favorecidas, como os mendigos, as prostitutas, as crianças abandonadas. Com um talento extraordinário e muita simplicidade, José Maria concebia as suas texturas imediatamente em função do modelado da luz e da sombra de suas figurações. A gravura de José Maria tem continuidade, do ponto de vista técnico e temático, com os trabalhos de Hélio Oliveira, Edízio Coelho, Gilberto Oliveira e Sônia Castro.

Grande parte da produção de Hélio Oliveira tem como tema os presentes dos orixás, "os Pejís". Hélio era um assobá do candomblé Axé do Ogunjá. Em suas naturezas mortas transparece o seu caráter místico e simbólico. Seus trabalhos foram mostrados em importantes eventos como os Festivais de Arte Negra da África. O crítico de Arte Clarival do Prado Valladares foi um dos primeiros a reconhecer e divulgar o grande talento e sensibilidade de Hélio Oliveira.

Sônia Castro utilizou-se de uma técnica mais gráfica e constroe a textura para obter uma linguagem mais objetiva. Suas xilogravuras tem um sentido universal. Dentro de uma temática social, Sônia aborda o drama da solidão, do abandono e da tristeza dos seres humanos.

A gravura de Juarez Paraíso vai do abstrato ao figurativo, com estruturas rítmicas dinâmicas e de forte contraste. Realiza várias pesquisas e utiliza o pano como suporte de suas xilogravuras de grandes formatos. Na Bahia foi o primeiro a explorar os recursos da fotografia e do clichê aplicados à água-forte e à água-tinta.

As atividades de Leonardo Alencar como gravador datam de 1960. Dedicou-se principalmente à gravura em metal. Seu trabalho abrange temas diversos, tendo se dedicado, durante muitos anos à realização de gravuras focalizando o homem e o mar.

Emanuel Araújo fez da gravura uma referência básica para o seu trabalho de criação plástica. Emanuel já explorou temas os mais diversos, como os problemas sociais, os gatos, as naturezas mortas, e às formas femininas. Progressivamente, o seu trabalho vai se abstratizando e finaliza construindo o espaço com formas geométricas. Já não interessavam ao artista os efeitos captados da matéria xilográfica e é pioneiro na aplicação da cor franca e contrastante. As

suas gravuras de armar representam uma significativa contribuição à gravura nacional.

Dos gravadores da década de 60, Edison Benício da Luz desponta como um dos valores mais surpreendentes. Utilizando uma linguagem tipicamente ingênua, cria figuras e episódios que se desenvolvem em cenários irreais, mas perfeitamente coerentes do ponto de vista lírico e plástico. Deixando a temática religiosa, suas gravuras tornam-se mais requintadas.

Gilberto Oliveira, inicialmente de formação acadêmico-realista, volta-se inteiramente para a xilogravura e dentro de uma nova linguagem começa a reestruturar o espaço e utilizar-se graficamente das texturas. Suas paisagens e figuras apresentam um elevado grau de dramaticidade.

Gley Melo realizou xilogravuras abstratas de pequeno porte e com evocações figurativas bastante intrigantes. Sempre realizou um trabalho coerente e de bastante unidade plástica.

Inicialmente, Edízio Coelho produziu suas xilogravuras na linha do expressionismo tenso e trágico de José Maria e Hélio Oliveira. Depois preferiu a natureza morta, como tema, e a cor forte e incisiva como elemento plástico para os seus trabalhos. As suas primeiras xilos, nesta fase, assemelham-se a vitrais, devido aos interstícios negros que interligam os diversos planos de cor.

Referência especial merece ser feita a Adan Firnekaes pela sua extraordinária ação criativa como músico, desenhista, pintor e gravador que muito contribuiu na formação das novas gerações de artistas quando professor da EBA e do Instituto Cultural Brasil-Alemanha.

Hilda Oliveira, Duda e Vera Lima, profissionalmente, aparecem nos últimos anos da década de 60 e já expondo na segunda Bienal da Bahia, em 1968. Hilda Oliveira desenvolveu uma gravura dentro da linha expressionista, rica de trabeculado linear e de contrastes de preto e branco. Inicialmente utiliza-se da madeira de cedro, para depois continuar o seu trabalho com o vulcapiso, imprimindo sobre papel e sobre o pano. Compõe com temas sociais extraídos de sua própria vivência na sua terra natal, envolvendo sempre os trabalhadores do campo, das casas de farinha, os pescadores e, destacadamente, as rendeiras. Do ponto de vista estético, a renda produzida na sua região, Médio São Francisco, Barra do Rio Grande, teve uma grande influência na concepção de sua forma plástica, refletindo-se na criação do seu emaranhado linear, dos efeitos texturais, chegando ao extremo de aplicar as rendas diretamente sobre as matrizes, para uma reprodução mais objetiva.

Duda trabalha apenas com xilogravuras coloridas, de pequeno porte, num exaustivo exercício criativo de repetições de formas, com pequenas, mas progressivas dessemelhanças. Com predominância de temas regionais e com um toque ingênuo, compõe uma espécie de quebra-cabeças, formando no conjunto de sua obra um interminável mosaico.

Vera Lima é uma artista de formação política e profissional e é inteiramente dedicada ao seu trabalho xilográfico. Possui um acentuado nível técnico e expressional, sendo bastante minuciosa e exigente na solução de suas propostas composicionais. Ao contrário de outros artistas, a cor de suas xilos é sutil e coordenada com a estrutura de preto e branco. Realiza um trabalho figurativo bastante pessoal.

Ainda na década de 60, vários artistas realizaram uma gravura de grande qualidade, embora não tenham se dedicado inteiramente, como é o caso de Sônia Sacramento e Terciliano Júnior.

Denise Pitágoras e Terezinha Dumet são inteiramente dedicadas à xilogravura, mas com uma produção mais recente, mais próxima dos artistas da década de 70.

Denise Pitágoras possui uma grande produção de xilogravuras. Politizada e atuante, Denise foi Presidente da Associação dos Artistas Plásticos da Bahia e sempre esteve comprometida com os movimentos reivindicatórios e com a organização de atividades e movimentos artísticos. A sua xilogravura sempre esteve voltada para o homem, comprometida com uma vasta temática social. Nas suas xilos o prioritário é a comunicação, prevalecendo o impacto das deformações e dos contrastes, menos do que a elegância de proporções ou de harmonias plásticas.

Terezinha Dumet, com gradações abstratas e figurativas, aborda o comportamento do homem dentro da atual sociedade tecnológica e o crescente perigo de sua desumanização. Esta temática tem sido constante no seu trabalho e foi inclusive o tema central do seu Mestrado em Artes, na EBA.

Renato da Silveira é um dos mais importantes artistas da vanguarda baiana. Produz desenhos, pinturas e gravuras desde a década de 60 e atualmente está envolvido com a computação gráfica. Foi um pioneiro em Salvador, com o seu realismo crítico, expressivo e convincente, graças ao seu grande talento artístico e à sua excepcional consciência política. Teve uma forte atuação nas Bienais da Bahia (1966 e 1968) e foi Diretor da Oficina de Serigrafia do ICBA. Exerceu uma ação renovadora no programa das gravuras realizadas na Bahia,

com os seus trabalhos de serigrafia fotográfica. A série com a temática de Orixás que realizou é de grande importância artística, social e antropológica, dada a força de sua interpretação artística e a seriedade de suas pesquisas.

A partir da década de 70 ampliam-se as opções e o número de artistas gravadores, principalmente devido ao maior número de prensas e de locais de trabalho. Diversificam-se as opções técnicas, tendo sido fundamental a vinda de Antônio Grosso para lecionar litogravura nas Oficinas de Expressão Plástica do MAMB. Paulo Matos continuou o trabalho de Antônio Grosso, produzindo expressivas litogravuras e ensinando o ofício a dezenas de novos artistas.

Através de varias técnicas, Sônia Rangel, Roberto Wilson, Marcia Magno, Renato Viana, Michael Walker, Florival Oliveira e Jane Lídia são artistas que, a partir da década de 70, dão continuidade à produção de gravuras na Bahia.

Marcia Magno dedicou-se exclusivamente à gravura em madeira e tem explorado com muita sensibilidade os efeitos de transparência cromática, como lâminas de luz que criam estruturas reversíveis e de grande resultado plástico. Já tendo realizado centenas de xilogravuras, sobre diversos tipos de suporte, tem ampliado a dimensão do abstrato geométrico com muita imaginação e propriedade plástica. Nas suas composições tem predominado a simetria como referência estrutural básica e atualmente tem se valido do computador para o prolongamento de suas experiências estéticas. Durante muitos anos Marcia Magno ensinou xilogavura nas oficinas do MAMB e, juntamente com Giselia Figueiredo Passos, Terezinha Dumet, Renato Viana e Michael Walker vem dando continuidade à tradição do ensino da gravura na EBA.

Renato Viana, independente de ser um artista muito sensível, é um extraordinário impressor. Conhece todos os segredos da gravura em metal, água-tinta e água-forte, tendo introduzido, com as suas pesquisas, novos e oportunos recursos. Foi o primeiro professor de gravura em metal das oficinas do MAMB e, atualmente, ensina na EBA.

Sônia Rangel é polivalente e uma das mais importantes artistas de vanguarda da Bahia. A sua atuação na área da gravura tem sido principalmente com a gravura em metal, técnica que desenvolve com uma extraordinária maestria, em pequenas ou grandes dimensões. Os seus trabalhos qualificam-se pelo intimismo e por um flagrante poder de narração visual. Utilizando-se de temas como o amor, o medo, o sofrimento e o abandono, como matéria prima para a interpretação dos seus personagens, acaba criando um universo que reflete a realidade de nossas próprias contradições. Sônia Rangel, com a criação

de suas gravuras, apenas confirma o excepcional talento e sensibilidade criativa que possui em todas as modalidades de arte que tem praticado.

Novos e talentosos gravadores dão continuidade à produção de gravuras da Bahia, como Chico Macêdo, Julien Wrobel, Luiz Cerqueira, Araripe, Crispim (xilos), Mundim (serigrafias).

(*) Aula Magna Escola de Belas Artes/UFBA (Mestrado em Artes. 1º semestre 1992)

Dados do Autor

. Juarez M. Tito Martins Paraíso - Professor Emérito da UFBA